

'Tia, tá na hora do tiroteio'

Podem ser invocadas todas as razões para que os alunos das escolas primárias dos subúrbios mais distantes tenham o pior aproveitamento no município e, entre estas, as precaríssimas condições de vida das famílias e o turbulento ambiente em que vivem, também por causa da baixa renda, formam o quadro perfeito de pressão insuportável sobre a criança, forçando-a a encarar a escola como uma obrigação que deve ser evitada, sempre que possível, ou freqüentada, sempre que o estômago exigir, pelo menos, uma magra refeição.

Estudos já realizados sobre o assunto mostram que os estudantes da Zona Sul aprendem mais que os da Zona Norte, na razão direta da renda de suas famílias. E os números não deixam dúvidas: na Zona Norte, uma média de 60 por cento da população ganha até quatro salários mínimos; enquanto, na Zona Sul, este grupo se limita a 13 por cento, com um componente não registrado no outro lado da cidade — 15 por cento ganham salários superiores a 22 mínimos e 7,6 por cento, acima de 30.

Para a avaliação do índice de aproveitamento — não incluída aí a desistência, logo nas primeiras séries —, foi tomada a quinta série, em que se observou, inicialmente, uma média de idade dos alunos bem superior à média dos alunos da Zona Sul. A série, que, normalmente, é freqüentada por crianças com idades entre 10 e 12 anos, tem, na Zona Norte, mais de 90 por cento de seus alunos com idades acima dessa faixa. Tudo em consequência das constantes repetências.

A Escola Municipal Pedro Aleixo, na Cidade de Deus, é o mais triste exemplo a justificar esta estatística: está fechada e seus alunos tiveram de ser transferidos, no primeiro caso em que os marginais se sobrepuseram à lei, à sociedade e à própria situação de penúria da comunidade. As causas são conhecidas e profusamente divulgadas pela imprensa: guerra entre quadrilhas pelo domínio de pontos de vendas de tóxicos. Os nomes dos responsáveis por isto estão sempre nos jornais.

Mas a escola perdeu. A solução encontrada foi fechá-la e fazer com que os alunos que ainda restam se desloquem para a Barra da Tijuca para concluir o ano letivo. O argumento para isto foi fácil: é preciso reformar a Pedro Aleixo. Mas o projeto de obras não prevê a construção de uma fortaleza que resista a um tiroteio como o do dia 7, em que um bandido morreu no pátio de recreio, e o pára-brisa do carro de uma professora foi despedaçado a tiros.

Não sendo o prejuízo e o susto da professora, não houve vítimas na escola. Até por que, "elegantemente", os bandidos mandaram avisar que haveria a batalha e aquele seria o local. E este fato serviu apenas para reforçar a crença de que muitos dos alunos estão ligados às quadrilhas da Cidade de Deus por laços de família ou de submissão. Um menino que chegou mais cedo alertou a diretora Rosinéia Francisco: "Tia, tá na hora do tiroteio".

